

ANTÔNIO JESUS DIAS: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA, CONSERVADORISMO E RENOVAÇÃO

Fábio de Sousa Neto¹

RESUMO

O presente ensaio parte de um projeto institucional aliado às expectativas do autor. O objetivo é duplo: homenagear o decano da Assembleia de Deus em Goiás, o pastor Antônio Jesus Dias e apresentar uma reflexão sobre a importância de sua atuação ministerial e política no cenário brasileiro e goiano a partir da década de 1970. O recorte foi delimitado tendo em vista a impossibilidade de apresentar todo o percurso biográfico nesse espaço de escrita. Além disso, sob o recorte adotado, percebe-se uma importante projeção do pastor Antônio Jesus Dias em vários espaços de atuação social. Desse modo, sustenta-se, aqui, a hipótese de que a atuação do decano representa tanto o conservadorismo da Assembleia de Deus quanto um impulso de renovação com vistas a romper com velhos estereótipos atribuídos à experiência pentecostal clássica. O conceito de memória e as contribuições de Ecléa Bosi, foi o fio condutor na exploração das fontes disponíveis.

Palavras-chave: Antônio Jesus Dias. Memória. Assembleia de Deus. Conservadorismo. Renovação.

ABSTRACT

This essay is part of an institutional project combined with the author's expectations. The objective is twofold: to pay homage to the dean of the Assembly of God in Goiás, Pastor Antônio Jesus Dias, and to present a reflection on the importance of his ministerial and political activities in the Brazilian and Goian scenario as from the 1970s. given the impossibility of presenting the entire biographical path in this writing space. In addition, under the adopted approach, an important projection of Pastor Antônio Jesus Dias can be seen in various spaces of social action. Thus, the hypothesis that the dean's performance represents both the conservatism of the Assembly of God and an impulse of renewal with a view to breaking with old stereotypes attributed to the classical Pentecostal experience is supported here. The concept of memory and the contributions of Ecléa Bosi, was the guiding thread in the exploration of the available sources.

Keywords: Antônio Jesus Dias. Memory. Assembly of God. Conservatism. Renovation.

¹ Pesquisador no Programa de Pós Graduação do Mestrado em História da PUC/GO. Pós-graduado em Teologia Sistemática (FASSEB/GO). Licenciado em História (PUC/GO). Professor universitário com experiência nas seguintes disciplinas: História da Igreja, Introdução à Filosofia, Novo Testamento, Direitos Humanos e Educação para as Relações Étnico-raciais. E-mail: fabionetohistoria@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua, ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estrangeira, nem tem algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira.

(Carta a Diogneto).

O historiador Jacques Le Goff (1924-2014) certa vez chamou a atenção de seus pares para a relação entre a memória e a história. Sobre a primeira, tratou de esclarecer a diferença entre memória coletiva e aquela produzida pelos historiadores, a historiografia. Essa última, trata de corrigir a primeira (LE GOFF, 1990, p. 16). De todo modo, tem-se memórias socializadas, inclusive produzidas por profissionais. O autor ainda identifica a partir de um diálogo com a psicologia, um jogo de memórias entre recordações pessoais e de terceiros, e aquela recebida da tradição e do ensino, formando assim, perspectivas temporais.

De certa forma, o que se pretende fazer aqui é esse jogo. Uma miscelânea de memórias: de recordações pessoais deste que escreve, as memórias do pastor Antônio Jesus Dias transcritas a partir de entrevista gravada, além da memória coletiva e aquela produzida por especialistas. O ponto de partida são as recordações deste autor. Assim, não há desculpas pela boa dose de subjetividade, do envolvimento com o objeto, uma vez que também justifica este trabalho.

O ano era 1986, pelo menos, é o que as memórias do autor conseguem razoavelmente alcançar. Chega à casa de seus pais aquele homem respeitado, cuja entrada foi quase solene. Era um ano especialmente importante, tempos de eleição.

O autor ainda criança, brincava no pátio da casa pastoral enquanto seu pai recebia o insigne visitante, o pastor Antônio Jesus Dias. A memória foi retida, pelo significado daquele encontro. Essas são as primeiras memórias do autor em relação ao pastor Antônio e já se nota a imbricação entre memória individual e social.

Além dessas memórias anunciadas, outras serão consideradas. Um amigo e colega historiador, atendendo pedido, doou a este autor uma entrevista gravada em áudio com o pastor Antônio Jesus Dias. Trata-se de um documento produzido no ano de 2014 durante pesquisa historiográfica na PUC/Goiás. O áudio foi transcrito e será explorado aqui. Além de confirmar alguns dados apresentados pela memória dos especialistas, há outros notadamente interessantes. Isso será apresentado na sequência.

2 A MEMÓRIA DESPOJADA E O DIREITO DE FALAR

[...] a vida é uma narrativa. Tudo na história é uma narrativa. Cada partícula conta com uma linha narrativa própria que remonta até a primeira Palavra do Um e Três, e todas essas linhas — essas muitas — estão entrelaçadas em uma grande e sempre crescente narrativa divinamente pronunciada.

(Nathan D. Wilson)

A epígrafe acima é um excerto da obra inspiradora de Nathan D. Wilson (1978), “Morrer de tanto viver” (2018). O autor desenvolve uma forma diferente de abordar a morte, convida o leitor não apenas a olhar a vida que passa, mas a se maravilhar com o fato de que a vida foi feita para ser gasta. Essa vida é como uma narrativa, uma história vibrante que vale a pena ser vivida, sobretudo, quando se percebe que as histórias de qualquer pessoa, desde os grandes sujeitos históricos à multidão de anônimos, são histórias igualmente importantes, pois recebem a devida atenção do Deus criador.

O método de Wilson (2018) é a digressão, o ponto de partida é momento da história em que o leitor se situa. Em certo sentido, isso será realizado aqui. As memórias exploradas conduzirão as narrativas, tocarão a vida de alguém. O objeto são as memórias do pastor Antônio Jesus Dias. Nessas linhas, as memórias individuais se confundem com parte expressiva da memória coletiva, incluindo

memórias de familiares, neste caso sua mãe. Nesse ponto, o auxílio quanto à orientação teórica para explorar o depoimento vem de Ecléa Bosi (1936-2017). Em seu trabalho sobre a memória social dos idosos dizia a autora:

[...] o intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal. Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura: fronteira que é um dos temas centrais da Psicologia Social (BOSI, 1979, p. 1).

A memória que se está considerando é a memória viva, teimosa em passar, porque insiste em unir os pontos, dar sentido ao presente em que se vive a partir do passado vivido. No entanto, essa memória viva estaria sob risco. Nossa sociedade, capitalista, recusa esse tipo de memória, substituindo-a pela celebração cívica. Nesse tipo de sociedade se produz esquecimentos, sobretudo dos vivos que insistem em permanecer, em marcar sua humanidade. O esquecimento incide dramaticamente sobre o idoso, sua velhice é “despojada e banida” (CHAUÍ, 1979, p. 18). Mas sobre isso, há algo mais a considerar. Chauí (1979), em sua apreciação do trabalho de Bosi, interroga:

Que é ser velho? pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. Como se realiza a opressão da velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as ‘pesquisas’ que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho) (CHAUÍ, 1979, p. 18).

Algo aqui tem produzido certo incômodo. Inquieta a constatação de uma opressão da velhice, identificada no silenciamento do idoso. De certa forma, essa reflexão se inscreve na esteira de Walter Benjamin (1892-1940), uma vez que haveria uma dívida entre as gerações contemporâneas e aquelas que as precederam. Dizia ele:

Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo (BENJAMIN, 1987, p. 223).

A questão sobre o papel messiânico da história é controversa, mas o que mais interessa são as dívidas acumuladas. Certamente há outros débitos, dessa vez com os vivos, ou com aqueles que insistem em viver, embora sejam tolhidos no direito de falar. Isso sugere um ocultamento verificado entre gerações que ainda compartilham o mesmo espaço e respiram o mesmo ar. São os esquecidos em vida, uma vez que:

A distância entre os grupos humanos, particularmente entre as gerações, transformou-se hoje em abismo porque as condições de vida mudam em um ritmo demasiado rápido para a capacidade humana de assimilação. Enquanto no passado o ancião que se aproximava da morte era o depositário privilegiado de uma experiência que transmitia aos mais jovens, hoje ele não passa de um velho cujo discurso é inútil (GAGNEBIN, 1987, p. 10).

De certa forma, este trabalho objetiva pagar parte desse débito, uma vez que, ao inscrever as memórias do pastor Antônio, se opera um diálogo entre gerações. Trata-se de fazer justiça diante de uma tentativa deliberada de ocultamento, verificada justamente nesses “mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis”, que insistem na “recusa do diálogo e da reciprocidade” com os mais velhos (CHAUÍ, 1979, p. 18).

Em certo sentido, um fato recente aponta justamente para essas constatações. Em vídeo² divulgado através da internet, o pastor Antônio Jesus Dias, já sexagenário, aparece participando de um congresso realizado anualmente em Goiânia, a capital do Estado de Goiás. Tratava-se de uma atividade religiosa voltada para os jovens cristãos na mesma data das celebrações do carnaval. Enquanto um músico e cantor evangélico iniciava sua apresentação, o decano o interpela, apontando para suas tatuagens. Uma orientação viria na sequência sobre o cuidado com essa prática cultural entre jovens assembleianos. (UMADEGO, 2020).

O vídeo ganhou projeção nas mídias sociais e dividiu opiniões. De todo modo, inequivocamente, o fato apontou para um fenômeno contemporâneo, a localização de

²Vídeo disponível em: <<https://bit.ly/3599d0s>>, acessado em: 05 out. 2020. O vídeo completo contempla toda a programação do Congresso da UMADEGO, no dia 25/02/2020, perfazendo um total de 11:54:07min. O momento exato em que o pastor Antônio aparece foi marcado no link acima. Pode ser localizado também aos 3:06:00 do vídeo. Os dados completos estão inclusos nas referências.

um abismo geracional que impede a compreensão, sobretudo, das representações dos mais velhos. Agora, eles são lembrados de que não mais ocupam o lugar privilegiado da transmissão da experiência à geração seguinte. Os idosos são silenciados, exatamente quando um deles é advertido de que “não passa de um velho cujo discurso é inútil” (GAGNEBIN, 1987, p. 10). Nesse ponto, convém atentar para o conselho das Escrituras: “Levantem-se na presença dos idosos, honrem os anciãos, tema o seu Deus. Eu sou o Senhor” (NVI, Lv 19.32).

Dito isso, somos convocados a atentar para as memórias do depoente, memórias carregadas com vestígios de outros que já partiram, comportando, como disse Bosi (1979, p. 1), “uma memória social, familiar e grupal”. Em entrevista realizada com o pastor Antônio por ocasião de um trabalho acadêmico, o decano responde as primeiras questões estruturadas discorrendo sobre as memórias de sua infância. Primeiro, ele opera uma digressão, recuperando as memórias de sua mãe. Essa observação foi possível, inicialmente a partir de sua declaração sobre o local e data de nascimento: “Nascido em Anápolis, em 28 de janeiro de 1942” (DIAS, 2014, p. 1). Outras memórias veem na sequência, desta vez, narrando a experiência de conversão, pontuando:

Eu nasci realmente num lar onde meu pai, ele era devoto a Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e minha mãe já tinha, assim, um princípio cristão de alguns da família que conviviam com os Americanos que moravam em Ponte Nova, Estado da Bahia. E esses americanos, Dr. Hud, Dr. Américo, tinham um hospital e eles eram presbiterianos. Então, não deixou de ter influência a partir dali. Mas ela casou-se com meu pai que era simplesmente idólatra e ela ainda não era convertida.

A partir de 1945, com a doença que se agravou num irmão meu, abaixo de mim, chamado Antonito de Jesus Dias, no seu primeiro ano de existência, a partir daquela enfermidade que fora desenganado, principalmente da medicina de Anápolis, a mais avançada da época. [...] os médicos disseram: ‘pode ir para casa pra morrer, não tem mais recursos’. [...] nós tínhamos um irmão que era agregado nosso lá na Fazenda São Domingos, município de Goianira, e ele era evangélico, pernambucano, irmão Leolídio.

Irmão Leolídio falou pra minha mãe: ‘se a senhora crer em Jesus, como salvador, ele tem poder pra salvar a sua alma e curar esse filho’. Ela creu, aceitou a fé, imediatamente meu irmão ficou recuperado milagrosamente. A partir de então, eu e minha mãe começamos servir a Deus. Eu com três anos de idade pra quatro (DIAS, 2014, p. 1-2).

Notadamente, como se verifica em suas palavras, as memórias do pastor Antônio Jesus Dias estariam imiscuídas às memórias de sua mãe e à memória

familiar, mas não só. Suas recordações tangenciam também a memória grupal, desta vez, da Assembleia de Deus em Goiás. Nessa altura, há um ponto de interseção, outra biografia, alguém que marcou sua vida, o também pastor Albino Gonçalves Boaventura (1922-2002).

Nas memórias de Antônio Jesus Dias, sua projeção ministerial estaria conjugada à vida desse outro sujeito a quem atribui grande significado, sobretudo, ao mencionar sua experiência como “Senador da República”. Ele destacava que sua separação ao diaconato fora inesperada, algo decidido pelo pastor Albino em um domingo no ano de 1966. Como se verifica no registro abaixo, esse teria sido o ponto de partida de uma rápida projeção ministerial. Ele dizia:

E isso se concretizou principalmente em 1967, deixe-me ver, 66, 1966, quando então, o então pastor que morreu [pastor Albino], teve o título de Senador da República, Albino Gonçalves Boaventura, nosso pastor presidente. Ele então teve uma direção de Deus num culto de domingo pra me convidar para ser consagrado, repentinamente, subitamente a diácono, que Deus estava ordenando isso.

Eu fui consagrado a diácono, isso, veio, foi no dia 30 de janeiro de 66, e já no dia 3 de abril de 1966, eu tava recém consagrado, já tive a sublime oportunidade de representar o pastor presidente no maior campo da Assembleia de Deus de Goiás. O referido e também presidente da convenção, quando ele me outorgou a representá-lo numa cerimônia inaugural da Assembleia de Deus em Amorinópolis, próximo a Iporá... me senti muito pequeno, pra tal honraria.

Chegando lá, fui recebido: ‘pastor Albino Gonçalves Boaventura está entre nós’. E eu disse: será que ele veio? Disse: ‘não, na pessoa do diácono Antônio de Jesus Dias’. Aí a partir dali, me senti muito pequeno pra tanta honra. Naquela cerimônia inaugural, onde estavam ali os veteranos da Assembleia de Deus, a maioria dos pioneiros estavam presentes.

E a noite – isso foi de dia. A noite na cerimônia de encerramento, disse: ‘agora vamos ouvir o pastor Albino Gonçalves Boaventura nos ministrar a palavra de Deus’. Eu disse: será que ele chegou? Ele disse: ‘não, na pessoa do diácono Antônio de Jesus Dias’. E ali eu tive a oportunidade de ministrar a palavra oficial daquele culto. Me senti pequeno que eu desapareci, mas é nessa hora é que Jesus aparece. Não sei onde li na bíblia, só lembro que eu cantei um hino e toquei um violão [incompreensível] introdutoriamente, e Deus tomou conta do ambiente.

Não sei o que disse, mas sei que alegrou e movimentou os corações pelo lado positivo. Essa foi uma primeira experiência que me marcou muito, né? E isso foi em 1966, eu estava, portanto, com 24 anos de existência [...]. Tendo essa grande honraria. E a partir daí, em 1967 eu fui separado e ordenado a presbítero, em 1969 a evangelista, que já era ministro, mais precisamente em 5 de outubro de 69, quando então já dirigia a segunda congregação da Assembleia de Deus em Goiás,

que a primeira foi em 68 na cidade de Goianira e a segunda em 69 na Vila Aurora, Goiânia.

Aí que fui ordenado a ministro. A partir de 1970 comecei a participar de convenções gerais da Assembleia de Deus no Brasil. Isso começou por Niterói no Rio de Janeiro. 1970 foi a primeira participação. Em 73 já fui para a cidade de Natal Rio Grande do Norte participar da segunda. E aí por diante, me tornei, *a posteriori*, secretário Estadual por várias vezes, por 12 vezes, e nacional por 3 vezes, das Assembleias de Deus no Brasil. E essa foi a minha carreira, sintetizada até aí, porque se for prorrogar, tem mais 12 igrejas que eu dirigi nesse interregno, e isso tudo me enriqueceu na experiência (DIAS, 2014, p. 2-3).

Essas memórias do pastor Antônio permitem um exercício: cruzar essas narrativas com outras memórias produzidas por especialistas, o que virá na sequência. O importante sociólogo inglês Paul Freston (1952), grande voz da Missão Integral, dedicou sua tese de doutoramento à investigação da presença protestante na esfera política brasileira, justamente sob o período da redemocratização. Entre os sujeitos abordados em seu trabalho, está Antônio Jesus Dias. Em um longo parágrafo, Freston (1993) apresenta o perfil do pastor goiano, destacando sua atuação para além do campo religioso, pois:

Embora seja, como diz, 'negro, de família sem tradição política', tornou-se líder sindical dos taxistas em Goiânia e suplente de deputado estadual. Foi nomeado para cargos públicos antes de assumir o mandato de 1980 a 1982. [...] Foi a oficialização como candidato à Constituinte pela AD em 1986 que deu fôlego à carreira. Para lograr a nomeação, a experiência política e penetração entre os taxistas complementaram outras qualidades mais eclesiais. Era evangelista com a juventude em Goiânia, várias vezes secretário da Convenção Estadual, e trabalhava com programas radiofônicos evangélicos. Ele e o filho eram cantores sacros, sendo este muito conhecido. Após a derrota em 1982, dedicou-se ao pastorado em Porangatu, criando base municipal. Com vistas à nova candidatura, ingressou no PMDB a convite do governador Iris Rezende. Além de frisar questões simbólicas (foi autor da proposta de ter uma Bíblia na Mesa da Constituinte), Antônio de Jesus cultiva na política um estilo conhecido de qualquer frequentador de igreja evangélica: o de pastor piedoso preocupado e algo chocado com o comportamento moral da comunidade (FRESTON, 1993, p. 199).

Nesse instante, a partir do cruzamento dessas memórias seguirá uma análise onde alguns significados serão explorados, incluindo o contexto sócio-histórico e as representações sobre as performances de Antônio Jesus Dias. Uma atuação em múltiplas esferas, e que se articula à sua confessionalidade.

3 “MODERNIZEI SEM ME MUNDANIZAR”: MEMÓRIAS DE SUPERAÇÃO E CAPITALIZAÇÃO CONFESSIONAL

É possível interpretar as declarações de Freston (1993) registradas acima da seguinte forma. Muito embora, o autor pareça ter reservas com a afirmação de Antônio Jesus Dias sobre sua condição de “negro” oriundo de uma “família sem tradição política”, uma coisa parece certa: Antônio pode ser apresentado como exemplo de um *outsider* no campo político. Por várias razões, isso capitaliza para a Assembleia de Deus.

Quantos negros poderiam ser encontrados nessa esfera de atuação, sobretudo, naquele contexto? Em grande medida, isso confabula para corroborar a tese de Alencar (2011) de que o espaço do pentecostalismo clássico ocupado pela Assembleia de Deus, seria um espaço democratizante, onde o pobre, a mulher e o negro foram absorvidos, encontrando lá espaço de atuação e liberdade. Como pontuou o autor: “No início do século XX, o pentecostalismo era majoritariamente negro, pobre e feminino. Um século depois mudou muito, mas permanece igual; continua de maioria negra, pobre e feminina” (ALENCAR, 2012, p. 258-259).

É bom lembrar que uma mulher negra também de origem Assembleiana e com um passado marcado pelo envolvimento com a vida pública foi eleita no mesmo contexto. Trata-se de Benedita da Silva: “a única mulher negra do Congresso brasileiro” (FRESTON, 1993, p. 1). Justamente nesse ponto, há outras singularidades quanto à exploração das memórias do pastor Antônio. Sobre o enfrentamento das assimetrias sociais, os estigmas de ser negro pentecostal e órfão, dizia ele:

Eu enfrentei um período completamente diferenciado do nosso hoje, porque naquele tempo, principalmente os membros das Assembleia de Deus nas décadas de 40, 50, eram considerados como gente minúscula diante do contexto social. Porém, eu enfrentei certas discriminações até mesmo por questões de cor também, diz: ‘oh! Preto, filho órfão e pentecoste’. Eles achavam que era tudo pejorativo. Mas Deus pega as coisas que não são para confundir as que são (sic) (DIAS, 2014, p. 4).

Outras representações surgem a reboque desse enfrentamento, são memórias de superação, uma vez que o acesso ao ensino superior ainda na década

de 1970 surge como lugar de capitalização cultural e simbólica, tudo isso, vinculado à sua experiência de fé. Essas representações localizam a experiência de superação naquele esforço para aquisição de *habitus* acadêmico da seguinte forma:

A partir de então, comecei a me preparar academicamente, em todos os sentidos, e fui rompendo os obstáculos e sempre determinado, sempre firme, pensando que aquele que serve a Deus com fidelidade a luz brilha em seus caminhos. A partir de então comecei a galgar posições que talvez eu não imaginaria. Como por exemplo, chegar a uma universidade católica no Estado de Goiás em 1974 como acadêmico de psicologia. Em 79 estaria concluindo o curso (sic) (DIAS, 2014, p. 4).

Após esse corte simbólico inicial atribuindo importância à formação acadêmica, pastor Antônio Jesus Dias percorre outras memórias destacando sua atuação em outras esferas sociais como: “motorista de táxi, tornar-me secretário do próprio sindicato, que era órgão maior de representação da categoria”. Como sindicalista destaca ainda sua atuação como: “um dos pioneiros da criação de uma cooperativa mista dos rodoviários autônomos do Estado de Goiás” (DIAS, 2014, p. 4). O próximo passo foi dado ainda naquele contexto, quando sob a década de 1970, se inscreve na esfera política partidária. Conforme Antônio Jesus Dias:

[...] em 1978, em plena ditadura, atrevi-me a aceitar a candidatura a deputado estadual pela ARENA, Aliança Renovadora Nacional sem ter sido nem sequer cabo eleitoral de um político famoso. Nem tão pouco, nem vereador e nem prefeito, já atrevi-me ser deputado estadual. E logrei de certa forma êxito, obtendo naquela época, 9 mil votos, cerca de 9 mil votos. Muita coisa em 79. Pra quem não tinha diretório político, não dispunha de meios econômicos suficientes, e consegui entrar onde eu conheci de perto Dr. Ary Valadão, que foi governador nomeado por Goiás. Conhecer o presidente da República Ernesto Geisel de perto, naquela época e tive oportunidade adentrar-me, de primeira mão à Assembleia Legislativa, porque fiquei como suplente. Mas um suplente na expectativa de assumir. E antes que assumisse a Assembleia Legislativa, eu assumi a posição de subchefe do gabinete civil da governadoria do Estado, por nomeação.

Em seguida fui nomeado diretor técnico da Fundação do Bem Estar do Menor, para cuidar da área do menor e suas instituições dentro de todo o Estado de Goiás, incluindo a época o Tocantins. E assim desencadeei meu trabalho voltado sempre para o próximo, sempre para a promoção e o bem estar, principalmente daquele desvalido pela sorte. [...] digo, essa grandeza de prosseguindo os meus passos, me tornar a posteriori deputado Estadual, apresentando a partir de 1980 todos os meus projetos que foram [...] acatados e referendados pelo

governador. Me achei muito honrado nessa parte (sic) (DIAS, 2014, p. 5).

Nesse ponto, muito pode ser dito. Em pesquisa desenvolvida no mestrado, identificamos uma mudança no pentecostalismo assembleiano, a tentativa de superação de alguns estigmas associados à experiência pentecostal clássica, verificada na capitalização simbólica da Assembleia de Deus.

Essa capitalização se percebe em várias frentes, principalmente, na construção de novos *habitus*, ou seja: “princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo, e em particular do mundo social” (BOURDIEU, 2013, p. 34-35), evidenciados sobretudo, como: ampliação de repertórios educacionais a nível superior, práticas de leitura, escrita, incentivo a produção de poesia, divulgação da presença pentecostal em outros espaços sociais para além do campo religioso. Nesse período, alguns artefatos culturais produzidos pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) se tornaram veículos de capitalização simbólica: os periódicos confessionais.

Ao mesmo tempo, alguns sujeitos se destacaram como intelectuais. Entre eles estão o jornalista João Pereira de Andrade e Silva e o poeta Joanyr de Oliveira. Esse último transitava em espaços seletos, tornando-se amigo de figuras ilustres como Antônio Houaiss e o modernista de segunda geração, o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Joanyr (2008), em razão de algumas tensões em torno da CPAD, se desloca para a Capital Federal, Brasília, no ano de 1959, portanto, antes de sua inauguração. Nesse ano, foi aprovado em concurso público para revisor da Imprensa Nacional. Ampliou seus repertórios sociais e capitais culturais, ingressando na Universidade de Brasília (UNB) e atuando no jornal Correio Brasiliense. Além disso, foi membro fundador de várias instituições como a Academia Brasiliense de Letras e a Associação Nacional de Escritores. Era recebido pelos presidentes militares e contemplado com vários prêmios literários, sendo inserido como verbete na famosa Enciclopédia Delta Larousse. Essa capitalização do poeta assembleiano foi apresentada no periódico *Mensageiro da Paz* por ocasião de um importante prêmio recebido. Segue o excerto:

O concurso, de que participaram mais de 100 poetas, é um dos mais importante do país, e sua realização é focalizada por toda a grande imprensa brasileira. Até então nenhum poeta evangélico havia obtido este destaque, [...]. No dia anterior, em companhia do presidente da

Academia Brasileira de Letras, da Associação Nacional de Escritores e de vários outros intelectuais, fora recebido, em audiência especial pelo Senhor Presidente da República General Ernesto Geisel (MENSAGEIRO DA PAZ, 1975, p. 4).

Toda essa envergadura de Joanyr se soma à sua trajetória política no Centro Oeste brasileiro. Essa informação ganha contornos nas memórias de um antigo pastor em Goiás, o Bp. Abigail Carlos de Almeida, onde Joanyr é citado como pertencendo aos quadros de confiança do governador de Goiás, Leonino Di Ramos Caiado. A função registrada teria sido assumida em 1974, cuja titularidade era: “subchefe do Gabinete Civil do Governo do Estado goiano” (ALMEIDA, 2015, p. 94). Outras informações de sua atuação política são encontradas no periódico onde é identificado como: “2º suplente de Deputado Estadual (e novamente deverá ser candidato em novembro de 1974)” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1974, p. 16).

O pastor poeta também participou das disputas eleitorais para a Constituinte em 1986 pela coligação PJ/PDT por Brasília, tendo sido, conforme Araújo (2015, p. 527), “o mais votado da coligação PJ/PDT”, não logrando êxito “por problemas de legenda”. De todo modo, o projeto político de Joanyr parece ter sido malogrado; contudo, seus esforços em termos de capitalização política para as Assembleias de Deus obtiveram êxito com outro ator social ligado à congênere goiana, o pastor Antônio Jesus Dias.

Nesse contexto o protagonismo na esfera política é ocupado pelo pastor Antônio, eleito suplente de deputado ainda no final da década de 1970, sendo “empossado em 2 de outubro de 1980, na vaga aberta com a renúncia de Wander Arantes de Paiva, nomeado para o cargo de conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios” (CAMPOS; DUARTE, 2011, p. 177). Na mesma década, com a convocação das eleições para 1987, Antônio Jesus Dias é eleito deputado constituinte. Em suas memórias isso aparece articulado aos capitais acumulados, inclusive religioso. Sobre isso dizia:

[...] atrevi-me em 1986 a candidatar-me a deputado federal constituinte, morando em Porangatu, presidindo o campo das Assembleias de Deus com suas respectivas congregações, fazendo um trabalho ali que chamou a atenção de muita gente, e simultaneamente também sendo professor universitário, em vacância, né, da área que não tinha psicólogo ali disponível e por eu ser, né, já bacharel de psicologia, temporariamente substituí essas faltas. E tudo isso foi me dando grandeza. Dali eu sai candidato a deputado federal

constituente, eleito de fato, de direito, melhor dizendo, com quase 50 mil votos (sic) (DIAS, 2014, p. 5).

Aqui, é preciso cuidado para não cometer equívocos. Antônio de Jesus também é figura expressiva para além dos limites do Estado de Goiás. Ele se articula reconhecendo as mesmas regras que seus colegas Joanyr e Andrade. Representam, ao mesmo tempo, a luta pela ortodoxia e pela transformação. Algo representado no incentivo à formação teológica, na criação e manutenção dos institutos teológicos como o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD), de João Kolenda Lemos e o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), de Lawrence Olson, e na construção de novos *habitus* e capitais culturais. Nessa altura, registra-se que Antônio Jesus Dias também se destacou no campo da comunicação, primeiro como radialista, depois, como apresentador de TV.

Algumas declarações do constituinte assembleiano dão conta de sua consciência quanto à hipótese aqui sustentada; o pastor Antônio Jesus Dias representa tanto o conservadorismo e ortodoxia da Assembleia de Deus, quanto um impulso de renovação com vistas a romper com velhos estereótipos atribuídos à experiência pentecostal clássica. Isso foi verificado na capitalização simbólica entre alguns atores sociais ligados à Assembleia de Deus.

Essa consciência se manifesta na forma de declarações, pois como pontuou o pastor Antônio em entrevista à um programa de TV: “me modernizei sem me mundanizar” (DIAS, 2015 n/p). Além disso, declara:

Interessante é que com essa visão conservadora, Deus me deu uma visão evolutiva [...]. Sou o homem que abriu espaço na política, abriu espaço acadêmico. Fui o primeiro psicólogo bacharelado em 1979. Isso marcou muito. Fui o radialista que abriu espaço [...] há quarenta anos atrás, eu estava lá em Porangatu, [...] numa convenção, e eu sempre fui muito falante, e alguém sempre me ouvia, muito de coragem para ocupar o púlpito. Eu disse para os irmãos obreiros: ‘irmãos, nós temos que abrir os olhos, a visão para quatro áreas que estão carentes de nossa representação [...] nós precisamos nos preocupar com educadores dentro da nossa denominação [...]. Precisamos de ter pessoas voltadas também para a área política [...]’ um pensamento de Rui Barbosa: ‘quando um homem que se julga de bem abandona seu posto na política, um oportunista poderá ocupa-lo’. Então, isso me deu muita reflexão, ainda na ditadura de 78 para me candidatar pela primeira vez [...]. Abrir os olhos para as comunicações [...]. A partir daí, fui abrindo espaço e fui encontrando forças para estudar e me preparar intelectual e teologicamente, e por isso, esse preparo me deu sustentação para muitas outras conquistas (sic) (DIAS, 2015, n/p).

Antônio Jesus Dias deixou muitos vestígios de suas atividades, tendo em vista sua atuação em várias frentes como pastor, sindicalista, comunicador, psicólogo e político. Infelizmente, o constituinte faleceu durante o período de desenvolvimento dessa pesquisa. Além da entrevista disponibilizada, havia um projeto biográfico em curso, algo que foi ventilado com o próprio. Partiu antes disso, deixou um legado, memórias emaranhadas com as deste autor, além das atividades de uma fé que se manifestou para além dos espaços privados, uma fé pública, testemunho de superação e de humanidade, e muitos vestígios que continuarão a subsidiar outras pesquisas e memórias. Relembrando Wilson (2018), morreu de tanto viver. E sua biografia para além das representações fatalistas, é prova de que toda a vida é um presente de Deus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

QUANDO EU FOR

Quando eu for, e o meu corpo ficar.
E os meus olhos, não conseguirem mais
acordar.
Então, quero que me cubra.
Que é pra eu descansar.
Descansar da lida, da fala, da briga,
Da dor, do amor, quando eu for.

Quando eu for, na terra ser colocado.
E o mundo ficar parado.
Então será o fim, pra mim?
A hora de começar.
Começar a entender, por quê? Pra que.
Como, quanta dor, quando eu for.

Quando eu for, ninguém vai me acompanhar.
Só com minhas obras, ao Eterno terei que
encarar.
O que será de mim? Onde irei?
O que terei? Ele responderá.
Responderá estas outras e mais outras
E me livrará de toda dor, quando eu for.

(Solomão Nunes)

Muito ainda poderia ser dito, mas, afinal, a memória é seletiva. Os cortes operados objetivaram apresentar um mosaico de memórias, todas elas, de algum modo, ligam vidas que se encontraram aqui e em outro tempos. Memórias pessoais, carregadas de significados para gente de carne e osso, mas também memórias sociais. O decano da Assembleia de Deus em Goiás, Antônio Jesus Dias, recebeu maior atenção, tendo em vista sua atuação efetiva em várias esferas sociais.

Evidentemente, suas memórias estão imbricadas à memória coletiva, e a outras tantas memórias já idas. Antônio Jesus Dias representa aqui, o ponto de interseção entre o conservadorismo e a renovação, fenômeno observado entre atores sociais ligados ao pentecostalismo assembleiano. Sua biografia e memória atestam para uma guinada entre assembleianos na tentativa de superação de velhos estigmas atribuídos à experiência pentecostal. O decano aparece como figura símbolo, ao mesmo tempo, da tradição e de um impulso de renovação no seio da Assembleia de Deus.

Mesmo assim, descontando a generalização, tais memórias adquirem um sabor especial, uma vez que cruzam com as memórias deste autor, além de apontar para os fenômenos relacionados na orientação teórica deste trabalho – para as vozes silenciadas, mas que já trabalharam muito em favor dos vivos. Ao mesmo tempo, sugere uma advertência: a perda da memória viva, substituída por outra quase mecânica, marcada pelo abismo geracional que nega ao ser humano senil, o direito de dizer, narrar e ensinar. Como cristãos, urge recuperar outras memórias, tão antigas quanto a Igreja, de que muito embora se reconheça as diferenças que marcam a identidade cultural, à luz da fé cristã, a humanidade está ligada por uma solidariedade de vida e destino, pelo menos, enquanto aqui se vive em uma pátria identificada como estrangeira.

Há muitos limites neste trabalho, e muito ainda a ser realizado. O positivismo insistente na academia também se apresenta como um desafio no trabalho com a memória. No entanto, como insistiu o importante teórico alemão, Jörn Rüsen (1938), se conservou aqui uma objetividade necessária. Portanto, não se tratou de um trabalho hagiográfico, e um pouco de honestidade acadêmica o poderá confirmar.

Mesmo assim, ao resgatar as memórias do pastor Antônio Jesus Dias, que faleceu vítima da COVID-19 aos três dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte, espera-se um mínimo de coerência em relação às reflexões aqui desenvolvidas. Além disso, essas linhas, acabam se tornando uma homenagem ao decano, e a tantos

outros que se foram, incluindo o pastor e professor Wagno de Oliveira, incentivador da educação teológica oferecida pela Assembleia de Deus. Certamente outra memória que marcará. Parafraseando o poeta anglicano John Donne: a morte destes dois homens em grande medida diminui a todos, pois nenhum homem é isolado, e os sinos ainda estão a dobrar.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911- 2011**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), PUC - São Paulo: 2012.

ALMEIDA, Abigail Carlos de. **Assembleias de Deus em Goiás: relatos de um pioneiro no coração do Brasil**. Goiânia: Editora Visão, 2015.

ARAÚJO, Israel. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979.

CAMPOS, Itami F; DUARTE, Arédio Teixeira. **O legislativo em Goiânia: 2ª. Ed.** revista e ampliada, Goiânia: Ed. Assembleia, 2011.

CARTA A DIOGNETO. *In: Padres apologistas*. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística)

CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação: Os trabalhos da memória. *In: BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979. p. 17 - 32.

DIAS, Antônio Jesus. Antônio Jesus Dias: **depoimento** [agosto 2014]. Entrevistador: Vinícius Almeida Teixeira. Goiânia. Áudio MP3 (21,6 min). Entrevista concedida durante pesquisa realizada na PUC/GO.

DIAS, Antônio Jesus. A história das Assembleias de Deus no Estado de Goiás. [Entrevista concedida a] Izaura Cardoso. **Programa Tudo de Bom**, Goiânia: Fonte TV, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/33xH57O>. Acesso em: 05/10/2020.

FRESTON, PAUL. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. 304 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 7-19.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD, 1970-1979.

OLIVEIRA, Joanyr de. **Memorial do sobrevivente**: autobiografia e poemas. Brasília: ALB, 2008.

UNIÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO ESTADO DE GOIÁS (UMADEGO 2020), 2020. Goiânia, GO. **Intervenção** [pastor Antonio Jesus Dias em apresentação musical]. Goiânia: Ginásio Goiânia Arena, 25 fev. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3599d0s>>. Acesso em: 05 out. 2020.

WILSON, Nathan D. **Morrer de tanto viver**. Trad. Josaías Cardoso Ribeiro Júnior. Brasília: Editora Monergismo, 2018.